

OPINIÃO

A Ilusão da Autenticação Forte

Felipe Vaz (*)

Um login bem-sucedido não é o fim da ameaça no front das operações defensivas. É exatamente neste milissegundo que a verdadeira caçada começa. O mercado corporativo abraçou o mito de que provar a identidade de um usuário por meio de uma credencial legítima encerra o ciclo de defesa. A realidade crua das trincheiras táticas pulveriza essa tese diariamente.

Quando um adversário de alto nível operacional elege uma corporação como alvo, ele raramente gasta energia tentando quebrar a criptografia de uma senha. Ele mira no roubo do estado da sessão, sequestrando os cookies de autenticação já validados ou orquestrando ataques implacáveis de engenharia social. A guerra não é perdida na quebra da porta de entrada, mas na ausência de visibilidade dos corredores internos.

Para dismantelar o falso conforto do login, é necessário observar o esqueleto arquitetural que sustenta as redes modernas. Considere a primeira linha de defesa, a identidade de origem fornecendo sua senha ao sistema central, que, após validar, libera o acesso à aplicação. Na prática da resposta a incidentes, investir o orçamento inteiro em métodos de autenticação fortes é o equivalente a blindar os muros de uma fortaleza e deixar a planta baixa inteira à disposição do inimigo. Uma vez que a sessão legítima é comprometida, o invasor herda a face, a identidade e a suposta confiabilidade do colaborador atacado. A partir desse instante, o melhor duplo fator de autenticação perde totalmente a sua utilidade operacional.

O verdadeiro abismo tático se revela quando o atacante, já camuflado por um login legítimo, começa a explorar autorizações sistêmicas mal configuradas. Não importa quem o sistema acha que está operando o teclado, mas sim qual é a amplitude letal das ações permitidas àquele usuário. O cenário empírico que assombra qualquer analista

ocorre no silêncio da madrugada. Um perfil pertencente à equipe de marketing, cujo histórico se resume a carregar imagens em painéis publicitários, repentinamente dispara uma requisição complexa contra o núcleo do banco de dados financeiro. A solução técnica contra a escalada lateral exige a implementação inflexível do princípio do privilégio mínimo contínuo.

O registro das ações realizadas dentro da rede é uma das principais ferramentas para identificar e conter uma ameaça. A auditoria permite entender o que aconteceu, quem foi afetado e como o ataque se movimentou pelo ambiente, transformando a resposta de segurança em uma ação precisa, e não em tentativa e erro. O problema é que muitas empresas acumulam grandes volumes de logs que, sozinhos, dizem pouco e dificultam o trabalho dos analistas.

É nesse ponto que uma arquitetura bem estruturada faz a diferença, ao cruzar os registros com dados históricos e padrões de comportamento, uma requisição suspeita feita durante a madrugada deixa de ser apenas mais uma linha no SIEM e passa a ser identificada como uma possível anomalia. Com isso, o analista recebe um alerta contextualizado, com informações que ajudam a avaliar a gravidade do incidente e agir mais rapidamente.

A miopia técnica muitas vezes restringe o debate de acessos a um checklist burocrático. Ao combinar visibilidade sobre os dados com boas práticas de governança, fica claro que a capacidade de investigar incidentes vai muito além de simplesmente conter ameaças. O erro letal de muitas diretorias é exigir ferramentas mágicas e ignorar a auditoria granular dos processos internos.

Estruture sua rede partindo do princípio de que o atacante já pode estar dentro do ambiente. A ideia de que o perímetro, por si só, é suficiente para proteger a empresa ficou para trás. Agora, é preciso acompanhar continuamente o que acontece na rede, identificar comportamentos suspeitos e agir rapidamente diante de uma ameaça. Agora é a era da inteligência de auditoria contínua.

(*) Time MDR da ITProtect.



News@TI

Reconhecida como líder mundial em orquestração de pedidos e fulfillment com IA para B2B

A Infios anuncia que foi nomeada Líder no IDC MarketScape: Aplicações de Orquestração de Pedidos e Fulfillment com IA para B2B e Manufatura em Todo o Mundo — Avaliação de Fornecedores 2026. A empresa também foi reconhecida como Líder no IDC MarketScape: Aplicações de Orquestração de Pedidos e Fulfillment com IA para Varejo e B2C em Todo o Mundo — Avaliação de Fornecedores 2026. Este reconhecimento destaca a capacidade da Infios de ajudar fabricantes, distribuidores e outras organizações B2B a melhorar o desempenho de fulfillment por meio de orquestração de pedidos com IA, automação inteligente e execução integrada da cadeia de suprimentos (www.infios.com).

O nascimento do Airbnb, uma empresa baseada em tecnologia (e sorte)

Fortemente baseado em tecnologia, o Airbnb é uma empresa bilionária, conhecida como “a maior rede de hotéis do mundo sem possuir nenhum quarto”. Foi fundada em 2008.

Vivaldo José Breternitz (*)

Seus criadores, Brian Chesky e Joe Gebbia tinham uma ideia, mas não tinham dinheiro - para conseguir algum, aproveitaram a campanha eleitoral americana daquele ano que opunha Barak Obama a John McCain e lançaram no mercado cereais cujas caixas mostravam caricaturas dos candidatos. Cada cereal tinha um nome divertido e ligado ao candidato: ObamaO's para o democrata e Cap'n McCain's, para o republicano.

Os próprios fundadores, que eram designers, projetaram as caixas, mandaram imprimir mil delas, compraram cereais baratos que já estavam no mercado (Cherrios e Captain Crunch) e os embalaram - fizeram isso em seu apartamento, fechando as caixas com uma pistola de cola quente.

Por alguma razão desconhecida, Chesky, Gebbia e seu cereal tiveram a sorte de aparecer em uma rede nacional de TV, fazendo com que as mil caixas fossem todas vendidas em um único dia, a US\$ 40 cada uma (um preço exorbitante) e deixando 30 mil dólares líquidos para os empreendedores - esse dinheiro foi suficiente para manter o negócio funcionando por alguns meses, até ser aceito por um programa de aceleração de startups do Vale do Silício e realmente iniciar sua trajetória de sucesso.

Um ano depois, a empresa tinha quinze funcionários, trabalhando no mesmo apartamento; para abrir espaço, Chesky deixou o local e foi viver em um imóvel locado via Airbnb. Mas a ideia já era realmente um êxito: até o final de 2010, investidores colocaram quase 8 milhões de dólares na empresa, que já havia vendido mais de 700 mil noites de hospedagem.

O crescimento tem sido contínuo: escritórios foram abertos em diversos países e novos tipos de serviço criados, desde a oferta de imóveis mais luxuosos até aqueles de custo muito mais baixo, destinados a vítimas de desastres naturais, como o tufão Sandy, que atingiu Nova Iorque em 2012 e a refugiados e imigrantes ilegais.



Firm_CANVA

As empresas hoteleiras têm procurado, sem muito sucesso, combater o Airbnb, acusando-o de concorrência desleal, porém parece que a trajetória de crescimento deve continuar; mais de 5,5 milhões de anfitriões já receberam bilhões de hóspedes em quase todos os países e o Airbnb é avaliado em mais de US\$ 100 bilhões.

Para empreendedores, competência é importante, mas sorte ajuda muito...

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitiz@gmail.com.

IA na indústria brasileira salta para 41,9% e revoluciona a gestão de manutenção nas fábricas

Empresas trocam o modelo de "consertar quando quebra" por planejamento orientado por dados, mudança que já aparece nos números.

Por muito tempo, a manutenção industrial no Brasil funcionou de forma reativa: a máquina quebrava, e só então a equipe técnica entrava em ação. Esse modelo, conhecido como manutenção corretiva, ainda é comum em boa parte do parque industrial brasileiro, mas vem perdendo espaço para uma abordagem mais estratégica, baseada em dados e planejamento.

A mudança de mentalidade é simples de entender, mas complexa de implementar. Em vez de esperar a falha acontecer, empresas passam a monitorar o estado real dos equipamentos, prever quando uma peça vai apresentar problema e agir antes que a parada não planejada aconteça, evitando prejuízo com produção parada, desperdício de matéria-prima e retrabalho.

Esse movimento já aparece nos números da indústria nacional. Segundo dados da Pintec Mobile, divulgados pelo IBGE, o percentual de empresas industriais que utilizam Inteligência Artificial no Brasil saltou de 16,9% em 2022 para 41,9% em 2024. O salto reflete diretamente na forma como a manutenção é gerida, já que boa parte dessa adoção de IA está ligada a sistemas de monitoramento e previsão de falhas em equipamentos.

Esse cenário é acompanhado de perto pela Melvin, startup brasileira que desenvolve software de gestão de manutenção industrial. "A gente vê claramente uma mudança de comportamento nas fábricas. Antes, manutenção era vista como um custo, algo que só existia para consertar o que quebrou. Hoje, ela é encarada como estratégia, parte do planejamento



BALLS_CANVA

da produção", explica Eymard Barroso, cofundador da Melvin.

Essa transição não é apenas tecnológica, é também cultural. Trocar a lógica de "apagar incêndio" por uma rotina de monitoramento e planejamento exige mudança de processos internos, capacitação de equipes e, principalmente, confiança nos dados gerados pelos próprios equipamentos. Muitas empresas ainda enfrentam esse obstáculo: compram sensores e softwares, mas não conseguem transformar os dados coletados em decisões práticas no dia a dia da fábrica.

"O maior desafio não é a tecnologia em si, é a mudança de cultura. De nada adianta ter um sensor de última geração se o time não confia no dado ou não sabe o que fazer com ele. A tecnologia só funciona quando vem acompanhada de uma mudança real na forma de gerir a manutenção",

complementa Igor Silveira, cofundador da Melvin.

O impacto dessa mudança vai além do chão de fábrica. Reduzir paradas não planejadas significa também reduzir custos, otimizar a vida útil dos equipamentos e aumentar a previsibilidade da produção, fatores que pesam diretamente na competitividade das empresas em um mercado cada vez mais exigente.

Para o setor industrial brasileiro, que historicamente convive com equipamentos mais antigos e recursos limitados para grandes investimentos, essa mudança de mentalidade pode ser o caminho mais viável para ganhar eficiência sem depender exclusivamente da renovação de maquinário, mostrando que a transformação, muitas vezes, começa mais pela forma de pensar do que pela troca de tecnologia.

Editoriais

Economia: Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br)
Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/
Espaço empresarial: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br);
Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterioralph.com.br)
Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; Editoração Eletrônica: Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.